



## Catapultados para a Sustentabilidade?

Medanos o ritmo. Há mais velocidade e pujança econômica. Lembra-me de algumas frases apontando para o futuro do Brasil: "luz no fim do túnel" e "país do futuro", nos velhos tempos da ditadura militar. Soavam como anúncio de que tentamos, como país, um destacado e seguro futuro no cenário internacional. Há dois anos, assistimos, dia após dia, perguntas "qual é a crise?", à resposta de um sócoro "não é nada", proferido pelo presidente do Brasil. Duro de acreditar. Parece um fato incontestável para os que acompanham aquele programa solidário de leite americano para as crianças brasileiras, *Bea Alegria* para o Progresso.

Novos paradigmas surgem, desde então, em especial ambiental – e da Democracia Ambiental. Começamos a perceber a necessidade de qualidade nessa luz no fim do túnel, para que ela não viesse a trair o planeta, e a todos nós, sem a cascata de colapso e com o aquecimento global.

É preciso considerar como se inseriu o paradigma da proteção do meio ambiente e de participação social nesse cenário de velocidade (impac, voo), onde somos "catapultados para o progresso", ainda que com requisitos das interpretações do mercado. Não estamos acostumados a isso enquanto país. Nossa história são registros de pertinência à mídia e desde a mudança da família real portuguesa para o Rio. Há, fut tempo, e não estamos preparados para esse momento. Nem governo, nem sociedade podem refletir estrategicamente sobre o momento histórico que está morrendo, em que a fidelidade do crédito pessoal, as redes de crédito e capital, transacionadas continuam sendo ofertadas genericamente em cada esquina, apesar da totalidade baseada de um sistema econômico estar para a sustentabilidade, quase sem reflexos de capital total.

Uma, zero e dólar estão estagnados diante do real, e para estes não há porto mais seguro que o Brasil. Fomos descobertos de novo. Pelo dólar circular financiando milhares de veículos que entram por dia nas ruas, enquanto o pré-sal comemora a falta do combustível fóssil, que se transformará, na melhor das hipóteses, em bilhões de toneladas de gás carbônico. Se não vacar, é claro, como o Gólio do México, considerando que aqui a profundidade e

aprofundamento são ainda maiores. Débito da introdução análise econômica e de reflexos do sobre e dreno das bolsas, não conseguimos refletir estrategicamente. A administração pública é atropelada pelo setor econômico, que antecipa o planejamento espoliativo dos recursos naturais. A sangria da América Latina, que se referia à prata, cobre e ouro; hoje se realiza na bauxita do alumínio e em outras commodities naturais. Sem levantamentos ambientais regionais, a sociedade brasileira desconhece limites de extrativismo, de crescimento e de capacidade de suporte dos ecossistemas. Como a China, estamos postergando a reflexão sobre a segurança futura, que deveria se basear no respeito aos limites do planeta, levado em consideração que o tempo econômico é diferente do tempo biológico e que os compatibilizando estamos mais próximos da sustentabilidade.

**Sem levantamentos ambientais regionais, a sociedade brasileira desconhece limites de extrativismo, de crescimento e de capacidade de suporte dos ecossistemas.**

A velocidade econômica também ameaça ecossistemas ao drenar recursos ambientais renováveis, ignorando sua capacidade e seu tempo de regeneração. A Sabuda Sertão, em São Paulo, experimenta esse ritmo inconsequente em dezenas de projetos em andamento; foto retratado no discurso sobre Gerenciamento Costeiro (Gercos). Sem os catapultados para o "progresso" com firme apoio ao fisco e total aos governos de plantão. Não há espaço e cinco cobertivos o beijo, mas há mais plácido disponível e cinco também.

Velhos projetos de integração são resuscitados, como as rodovias e as linhas aquáticas transcontinentais. Estamos no início de um boom de infraestrutura, que será estradas, portos e aeroportos, em ampliação com patril com a capacidade econômica de explorar recursos naturais para atender ao "negócio da China" – já que esta pode consumir todo o celeiro brasileiro. A vem o problema: a falta de discussão pública e a qualidade desses projetos. Para complicar, de outro lado, surtidas tentam demitir o Código Floresta (para implementar mais produção a qualquer custo. A generalidade vital (de plantonistas federais e anche de boiões, já rechaçados, do capital especulativo. Rancia campanha. O Brasil repete a velha fórmula agrícola e metalúrgica, deixando ao mel bono e maia tentativas tenas de tecnologia para o velho e esperto Primeiro

Mundo. O modelo atual deixará um passivo enorme, quando aplicamos à realidade o vasto conhecimento acumulado nas avaliações de impacto. Projetos são realizados de forma pontual, onde energia e injeções tem sequenciado dimensões. É algo como edificar uma casa sem avaliar a capacidade das fundações, onde não há nenhuma responsabilidade e quem toca a obra também vende o reboco. Ome dia a casa cai. Não há uma política de sustentabilidade para o Brasil. Para complicar, surgem falcos profetas do nacionalismo, financiados por interesses produtivos, como o do agronegócio, afirmando que devemos seguir o exemplo daqueles países que exploraram ao extremo seus recursos naturais. Agora é "rouba o que é teu" e vem aí – "ONGs querem impedir o progresso do Brasil." O, fu de conta que o capital especulativo que rola por aqui é do brasileiro.

Há atores fundamentais e estratégicos para o momento: os setores da sociedade que fazem a defesa ambiental, mas especificamente dos interesses difíceis e da sustentabilidade. Tenho me perguntado qual é a capacidade de reação desses importantes atores diante do cenário conjuntural, considerando que alguns setores econômicos têm aderido a prática de distribuir generosas somas como cooperação entre ONGs e universidades, atendendo a temas sociais importantes e projetos pontuais que poderiam ser executados por consórcios privados. Deputados são eleitos e financiados pelo setor do agronegócio (que só pensa no negócio da China). O petróleo faz, também, seus lobbies. Convidados: catapultados e a jogar bem engarrafados, entre si ma sacone cada vez maior na exigência social pró-sustentabilidade. De outro lado, são honrosas exceções, setores de esquerda encastilados em acadêmicos, processam teoricamente a realidade, dissociando-a de prática de enfrentamento do pensamento ambientalista.

Catapultados para essa nova dimensão de tempo econômico, os defensores do tempo biológico encontram-se, hoje, em difícil situação. O movimento ambiental, enquanto movimento cultural – considerando que todo o tecido social se encontra hoje permeado pelo pensamento ambientalista – possui toda a idade e capacidade de intervenção na formação de opinião, mas a atual tor de forças está longe de conseguir a desejável mudança de comportamento. Como quem fuma, mas não toma a atitude de parar, essa radicalidade do pensamento ambiental é tangível, mas não garante sustentação política transformadora.

O momento inspira cautela e reflexão, pois precisamos adequar as oportunidades de mercado a novo modelo para sustentabilidade, que possa funcionar de forma mais saudável e vigor da economia. A causa ambiental e a crise instalada são inseridas em grau de subjetividade pouco perceptível para não iniciados. Trata-se, sobretudo, de efeitos e temas afetos à sustentabilidade e sua relação com a exploração pelo modelo de economia global. Essas parças contem com respaldos negativos da opinião pública como má, da imprensa major, a fim de escher momentos e temas estórgicos e bolcos, nas quais se esboçam as queimadas e os desmatamentos da Amazônia, que gera inúmeras protestos internacionais, devido aos danos impostos pelo combate ao aquecimento global.

A velocidade e o efeito primário (imbitação) com que estamos sendo catapultados estão impedindo a manutenção do movimento conjuntural que atravessamos. O equilíbrio sobre o modelo de desenvolvimento pode nos levar da pujança econômica para dentro de uma crise ambiental de médio prazo, com alturas o custo e, portanto, inevitável. Se tivermos de ser catapultados, que seja para a sustentabilidade.

Carlos Bocuhy é presidente do Instituto Brasileiro de Proteção Ambiental (IBPAM) e do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA). Além disso, coordena o Programa de Integração Científica, que tem o apoio do Organismo Mundial de Saúde (OMS).

**Aba**

9 Chevrolet mais premiada dos Estados Unidos, agora, no Brasil. NOVO CHEVROLET ABABIL.

ROD. RAPOSO TAVARES, KM21 - GRANJA VIANA  
 1613 0000

www.abamotors.com.br